



MODOS DE FAZER E ESTAR EM DJABULA, MOZAMBIQUE

Pedro Pereira Leite¹

Ana Fantasia²

Filipa Zacarias³

Patrícia Maridalho⁴

Abstract

We present the preliminary results of the project “Tree of Memories” developed at the Community Center of Djabula, a village south of Maputo where the NGO VIDA work for an emancipatory social intervention. The association supports the forms of land use and local resources for the generation and diversification of income and support the local community, training of community members for social intervention and the development and use of local knowledge. The results have been scattered in other communities in order to provide a more equitable distribution yields.

The project “Tree of Memories” aims working modes of use of social memory in the community for creating social innovation. The article presents the results achieved so far, describing the process of identifying the agents and the recognition of space.

Keywords: Memory and Social Innovation, mutual societies, Ecology of Knowledge Biographical Circles

Resumo

Apresentamos os resultados preliminares do Projeto “Árvore das memórias” desenvolvido no Centro Comunitário de Djabula, uma aldeia ao sul de Maputo onde a ONGD Vida desenvolve uma intervenção social emancipatória, apoiando as formas de associação sobre o uso da terra e dos recursos locais para a geração e diversificação de rendimentos e apoio à comunidade local. Reforça a capacitação dos membros da comunidade para a intervenção social e a incorporação e uso dos saberes locais. Os resultados têm vindo a ser disseminados noutras comunidades, com o objetivo de proporcionar a distribuição de rendimentos mais equitativa.

O projecto “árvore das memórias” tem como objetivo trabalhar os modos de uso da memória social na comunidade para a criação de inovação social. O artigo apresenta os resultados alcançados até ao momento, descrevendo o processo de identificação dos agentes e o reconhecimento do espaço.

Palavras-Chave: Memória e Inovação Social, Mutualidades, Ecologia dos Saberes, Círculos Biográficos

1 Investigador em Pós-doutoramento no CES Universidade de Coimbra SHRH/BPD/76601/2011

2 Investigadora em Doutoramento de Estudos do Desenvolvimento no CEsa – Universidade de Lisboa.

3 Agrónoma-Consultora de Desenvolvimento Comunitário da ONG VIDA

4 Agente de Desenvolvimento da OND VIDA

ENTRADA

A comunicação sobre o projeto “árvore das memórias” que trazemos ao painel “Emancipação e Economia Social” neste Congresso Internacional “Epistemologias do Sul” promovido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra está organizado em três tópicos. Em primeiro lugar apresentamos o espaço e a comunidade com quem estamos a trabalhar. De seguida apresentamos os fundamentos epistemológicos do projecto “Árvore das Memórias”, procurando justificar a sua relevância como proposta no campo da construção duma Ecologia dos Saberes e como instrumento de desenvolvimento das mutualidades e inovação social. Finalmente apresentamos os resultados preliminares obtidos nos trabalhos de campo desenvolvidos em maio e junho do corrente ano. Estes trabalhos terão sequência no desenvolvimento do projecto prevendo-se nova estada no terreno a partir de 2015.

Este trabalho integra-se no projecto de Pós-doutoramento Heranças Globais: a inclusão dos saberes das comunidades no desenvolvimento dos territórios”, que se encontra em curso no CES da Universidade de Coimbra⁵ e nas parcerias estabelecidas com o CESA - Centro de Estudos sobre Africa e o Desenvolvimento da Universidade de Lisboa e a ONGD VIDA, que atuam nesta região. Gericamente a investigação procura demonstrar a relevância do trabalho sobre os processos de produção da memória social na comunidade como instrumento de emancipação e criação de inovação social. Trata-se dum projeto que trabalha o saber da comunidade para alcançar novas formas para o seu uso, a partir da reflexão dos protagonistas. Os trabalhos desenvolvem-se na aldeia de Djabula, no distrito de Matutuíne/ Bela Vista, na Região de Maputo em Moçambique.

O ESPAÇO E A COMUNIDADE

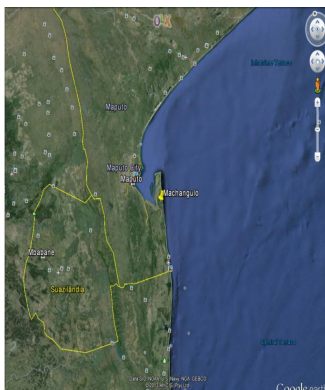


Ilustração 1 Baía de Maputo - Mozambiek (Imagem google Maps)

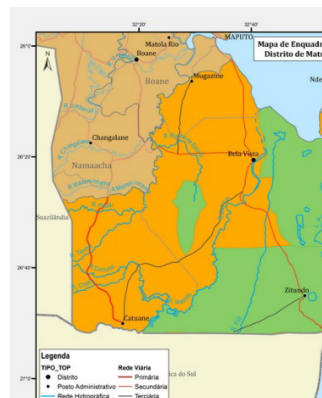


Ilustração 2 - Distrito da Matutuíne (www.retratorural.pmaputo.gov.mz)

5 Neste projeto procuramos dialogar com a proposta das “Epistemologias do Sul”, propostas por Boaventura de Sousa Santos. (Santos 2000, 2006) e (Santos e Meneses2009).

Matutuíne é uma região com cerca de 5.000 km², com cerca de 40.000 habitantes de acordo com os Censos de 2007, e localiza-se 60 km a sul de Maputo, a capital de Moçambique. Trata-se da região mais meridional do país, com fronteiras com a província Kwazulu-Natal na África do Sul e a oeste com a Suazilândia. A norte encontra-se a cidade de Maputo, com a sua região metropolitana que induzem fortes dinâmicas de transformação na região.

O distrito é atravessado pelos rios Maputo e Tembe, que desaguam na Baía de Maputo, a qual delimita o território a norte. As áreas apresentam um povoamento disperso, com uma densidade populacional de 6,9 habitantes/km², que se agregam em aldeias extensas ao longo de trilhos e nas margens dos dois rios. Nela se localiza a Reserva de Elefantes de Maputo, uma importante área de conservação da natureza, criada nos anos 40 do século XX, para salvaguardar uma linha de comunicação entre as manadas com Kwazulu, face aos procedimentos de colonização e desmatização que então se iniciavam nesta região. Após a Independência em 1975, Moçambique aderiu à Convenção de Ramsar⁶, que tinha sido assinada em 1971, passando este parque a estar dependente dos princípios nela constante.

A população da região desenvolve uma pequena agricultura familiar e explora os recursos da floresta, sobretudo na produção de carvão. Maputo é o principal destino da produção. O carvão é recolhido na floresta através da limpeza e abate de árvores, é transformado em carvão em fornos familiares sendo, depois de ensacado, vendido ao longo dos trilhos. Há uma rede de compradores de carvão, organizados em camiões de caixa aberta, que recolhem os sacos e os transportam para as vendas em Maputo. As redes de vendas apresentam relações de solidariedade mecânica. Os produtos agrícolas excedentários, sobretudo mangas e amendoins são também transportados para a cidade. Um dos elementos de maior pressão na região situa-se no eixo da projectada estrada de ligação da catembe à ponta do ouro. A Ponta do Ouro, no extremo sul, é uma importante zona de desenvolvimento turístico, prevendo-se que a construção desta estrada faça aumentar a fluxo de turistas e a pressão para a ocupação dos territórios com maior vocação para as actividades e serviços de lazer.

O distrito está dividido em postos administrativos. Djabula é uma aldeia que pertence ao Posto Administrativo de Missavene, juntamente com Bela Vista, Madjuva, Salamanga e Tinonganine.

A paisagem é marcada pela presença dos rios. O regime de chuvas com uma precipitação irregular, alternando anos de seca, com estações muito pluviosas. A constituição dos solos, maioritariamente arenoso, com baixa capacidade de retenção de água, não permitem o desenvolvimento duma agricultura mais intensa fora dos leitos de aluvião dos rios. A zona integra-se Região Maputaland-Pondoland⁷.

6 Convenção assinada em 1971 na cidade iraniana de Ramsar. Trata-se da “Convenção das Zonas Húmidas com interesse internacional para as aves aquáticas” e constitui um dos primeiros tratados globais sobre protecção da natureza.

7 O Maputaland - Pondoland é uma região de biodiversidade situada no sudeste da costa da África Austral. Apresenta certas características endémicas. Para mais informações sobre a região veja-se http://www.retratorural.pmaputo.gov.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=21

Em termos de povoamento, a região regista na memória local os movimento das populações Tembe nos finais do século XIX, que se deslocavam das zonas de influência Zulu, no sudeste africano. A língua usada pelos seus habitantes resulta duma influência Tsonga e Nguni. Os Nguni são povos guerreiros, criadores de gado, que ocuparam a região sudeste do continente. Por seu turno a língua Tsonga constitui um grupo linguístico complexo que é classificada na família Tswa-Ronga. Em Moçambique, têm diversas variantes. É por vezes conhecida como Changana ou Ronga. A tradição pecuária marca as práticas das comunidades em conjunto com a agricultura de pequenos produtos para consumo. São práticas que exigem territórios de pastagens relativamente extensos, e áreas agricultáveis de proximidade. A defesa das manadas, contra estranhos e contra os animais selvagens marcaram durante o final do século XIX as formas de relacionamento destas comunidades com o espaço.



Ilustração 3 Indígenas do Sul de Moçambique. in Rufino, Santos (1929) Álbuns Fotográficos da Colónia de Moçambique

Datam desta época os primeiros conflitos com os colonos europeus. A então cidade de Lourenço Marques, na baía de São Lourenço fora até essa altura um estabelecimento prisional, sem uma ocupação colonial de interior. As actividade de mineração no Transval e terras de Orange, na África do Sul, tornam esta baía o espaço natural para escoamento de mercadorias. Após alguns anos de disputas com os ingleses, em 1875 estes territórios ficam sob a jurisdição portuguesa. Consideradas como terras inóspitas e perigosas para o homem branco, a região permanecerá sem uma colonização intensa até aos anos de 1930. A partir dessa altura a colonização intensifica-se e aumenta a pressão para ocupações das áreas mais férteis para usos agrícolas. Simultaneamente intensifica-se a exploração das madeiras da floresta e a prática das caçadas. Entre os anos 30 e 50 o desmatamento e a ocupação de terra deram origem a várias reservas indígenas, onde os colonos concentravam as comunidades locais.

Um elemento particularmente significativo desta época encontra-se no Museu de História Natural. Trata-se duma colecção de fetos de elefantes, onde se apresenta a evolução do feto ao longo de 24 meses de gestação. Importante testemunho para a ciência, estes objectos são testemunho duma tragédia ecológica “pela matança generalizada de elefantes ao longo dos anos 50. As caçadas dos colonos, para além do divertimento gratuito, procuravam eliminar a presença de animais “selvagens”, em particular das manadas de elefantes, que com a sua presença impediam o aproveitamento agrícola dos solos de aluvião. O saldo da colonização foi violento, produzindo uma desflorestação acentuada, uma reorganização do uso do solo e a

movimentação de populações contra a sua vontade.

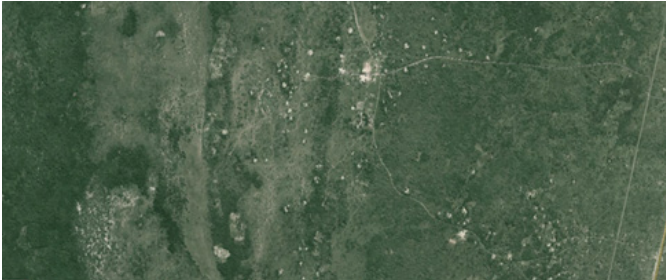


Ilustração 4- Povoamento da aldeia de Djabula, Matutuíne. (Imagem Google map)

Estes processos estão presentes na memória dos habitantes locais. Durante a nossa estada tivemos oportunidade de recolher alguns depoimentos através de diversas narrativas que recolhemos onde estas questões são abordadas. Mas antes de descrever o nosso processo de trabalho e os seus resultados, importa abordar a génese do centro comunitário de Djabula.

Djabula é uma aldeia situada, no distrito de Matutuíne, na estrada que liga Boane a Bela Vista.

Em 1992 o régulo de Matutuíne concessionou as terras a uma pequena ONG portuguesa VIDA (Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano)⁸, que havia trabalhado em Massaca no apoio ao ensino primário, para instalar um projecto de Desenvolvimento Comunitário. O lugar era ermo, no meio da floresta. Aí optou-se por instalar um Centro Comunitário. A oferta do uso da terra foi para concretizar essa ideia. Na cerimónia oficial da cedência do espaço foi feito um compromisso falado. A ONG comprometeu-se a ficar no local durante o tempo que fosse necessário para dar um uso adequado à terra.

Esta cerimónia criou uma relação afetiva com a comunidade da aldeia, que vivia dispersa no mato. No início foi necessário construir uma estrada. Havia apenas uma picada, um caminho de trilhado a pé criado pela população local. A abertura duma estrada, com cerca de trinta quilómetros de extensão permitiu a acessibilidade ao local do centro. Com a acessibilidade foi possível fazer chegar materiais de construção para criar um Centro Comunitário.

A ideia inicial do centro foi de desenvolver um trabalho de apoio à comunidade para a geração de rendimentos. Os poucos habitantes de Djabula (cerca de 150 famílias) viviam exclusivamente da venda de carvão, obtido no desbaste da floresta, e que produzem em pequenos fornos artesanais. Alguns tinham pequenas hortas junto das habitação e criavam pequenos animais domésticos. Era uma população escassa e com várias ligações à Suazilândia, para onde os homens partiam para a criação de gado.

8 <http://www.vida.org.pt/>. A ONGD VIDA promove actualmente uma ação de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (UNDP, 2013)



Ilustração 5 - Aldeia do Distrito de Lourenço Marques, in Rufino, Santos (1929). Álbum fotográfico da Colónia de Moçambique.

As primeiras ideias de desenvolver a agricultura para abastecer o mercado em Catembe e daí chegar a Maputo, não resultaram. Rapidamente ficou claro que a agricultura era uma actividade marginal. Tão marginal quanto a área. O tipo de solos e a dificuldade em captar águas foram dois dos principais problemas que emergiram dessa experiência. A principal vocação de Matutuíne era a pecuária e não a agricultura. Uma observação mais atenta e um melhor entrosamento com as populações locais fizeram entender que, fora das margens de aluvião dos rios, não havia condições para a agricultura.

Paralelamente aos projectos de apoios à geração de rendimentos, desenvolviam-se diversos projetos de desenvolvimento integrado (Rist, 2002). Foram feitas intervenções na melhoria das condições de 60 habitações e construção de poços. Foram ainda realizadas diversas ações de educação para a saúde. Os cuidados de saúde primários, a saúde materno infantil, os cuidados com o consumo de águas salobras, campanhas de prevenção de HIV/SIDA. Como o objectivo da intervenção foi o de criar uma autonomia na comunidade, o Centro Comunitário foi concebido para ser um centro das actividades da comunidade. Por isso deveria ser desenvolvida a sua autonomia e sustentabilidade. Foi, assim, estimulada a criação duma associação de desenvolvimento local, através da participação da comunidade, que tem como objectivo fazer, no futuro, a gestão do centro, ao mesmo tempo que, actualmente, com o apoio da ONG, procura assegurar a sustentabilidade do centro pela criação de renda.

No centro pensam-se e são aplicados e testados os projecto. Com apoio nos programas de cooperação internacional de ajuda ao desenvolvimento, cujos maiores dadores são a comissão europeia, a cooperação espanhola e portuguesa, apresentam-se projectos, que normalmente têm uma duração de dois anos a partir dos quais se procura criar dinâmicas próprias que sejam sustentáveis. Por exemplo, um dos projectos foi a capacitar mulheres para obtenção de rendimentos alternativos ou complementares das actividades agrícolas. Desse projecto resultou a criação duma associação de artesanato com uma marca própria (a marca Djabula).

A associação de artesanato produz Batiques e outros trabalhos de tecelagem e costura. Foram instaladas cinco máquinas de costura e capacitou-se várias mulheres. Foram criados cinco

grupos de trabalho, todos voltados para a atividade do artesanato, através da transformação de materiais locais. Com o projecto procura-se criar condições de financiamento para o investimento inicial, devendo, no final do projecto, a associação ganhar a sua autonomia através da venda dos produtos que fabrica. No caso do grupo dos Batiq, por exemplo, foi necessário fazer painéis para os tingimentos. Foi necessário dinheiro para comprar as matérias-primas que não se encontravam no local. O projecto permitiu financiar os investimentos necessários. Através da venda dos produtos em Maputo, as receitas revertiam para a Associação, que as deve aplicar na compra de mais materiais. Actualmente no Centro existe uma sala de costura onde estão instaladas as máquinas de coser. O trabalho é remunerado de forma associativa em função do número de horas de trabalho de cada costureira.

O artesanato tem um grande problema que é a sua sustentabilidade. A associação gere o rendimento criado por esta actividade e as costureiras só trabalham quando há encomendas. Há alguma procura, mas não se consegue vender nesses mercados sem um sistema de comercialização a funcionar. Para criar esse sistema de comercialização é necessária uma maior diversidade de produção. O sucesso do artesanato está muito ligado à sua comercialização. A ONG deu apoio à comercialização dos produtos em Maputo, através da exploração de contactos comerciais nas lojas e feiras tanto locais como internacionais. Mas são ainda poucas as oportunidades de venda.

O trabalho no terreno na ajuda ao desenvolvimento é um trabalho lento e com resultados demorados. A Associação do Centro Comunitário de Djabula passou, a partir de 2010 a ter uma maior responsabilidade na gestão da sua infra-estrutura e na partilha dos rendimentos. A comunidade tem uma palavra a dizer na distribuição dos rendimentos. Por exemplo, no último ano houve vários casamentos e funerais em que a comunidade decidiu contribuir. Ao despender essas verbas há uma menor capacidade de comprar matérias-primas para a Feira de Artesanato em Maputo, onde se costumam fazer boas vendas e contactos.

A sustentabilidade do centro, entre 2010 e 2012 foi parcialmente assegurada através da sua manada de bovinos, que serviu de banco social. Através da venda das cabeças de gado excedentárias torna-se possível pagar as despesas correntes - os pastores, a alimentação das famílias e criar ainda um pequeno fundo para investimento nas outras actividades. A compra da manada resultou também de um projecto onde foram adquiridas cinquenta cabeças para reprodução com o objectivo de introduzir o fomento pecuário. A venda é exclusiva dos novilhos e faz-se quando estes estão em idade de desmame. No entanto um roubo de várias dezenas de cabeças de gado e seu abate no ano de 2013 fez regressar este projecto ao seu início e tornou vulnerável a dinâmica e proveitos que permitem a manutenção e funcionamento do Centro.

O sucesso deste projecto de economia solidária (Hespanha & Santos 2011), sobretudo a sua capacidade de organização e recursos que criou, tornou possível que a partir do ano de

2015 se instale no Centro Comunitário de Djabula uma escola Profissional, o que assegura a manutenção do centro por parte da sua associação.

Entretanto, a ONG vida tem procurado apostar no desenvolvimento do trabalho associativo expandindo a experiência desta associação no distrito. Actualmente discute-se, sobre as questões do trabalho com as comunidades em África, se os apoios se devem concentrar nos processos associativos ou nos chamados “inovadores” em cada comunidade (Ziai, s/d). Esta é uma opção importante pois conduz a práticas e resultados diferenciados. Embora valorizando e apostando na carga impulsionadora que têm os inovadores em cada comunidade, a organização VIDA procura valorizar os processos participativos da comunidade e uma distribuição de rendimentos mais equitativa.

Os defensores do investimento nos chamados atores privilegiados, concentrando o investimento da ajuda ao desenvolvimento em novas dinâmicas, procuram potenciar o efeito multiplicador do investimento (Amaro, 2003). Nestes casos há uma menor participação das comunidades e uma menor distribuição dos benefícios. O trabalho com as associações como meio privilegiado de intervenção na comunidade implica que se tome em atenção o trabalho da organização interna do grupo associativo, que se treinem capacidades de comunicação e reivindicação. Na ajuda ao desenvolvimento tudo passa pela proposta e pela execução de projectos. Tudo está referenciado às ações que se desenvolvem no tempo e implica um controlo das diferentes actividades para monitorizar os seus resultados.

Atualmente a ONG VIDA assume como prioritária a intervenção no apoio às associações de agricultores. Para esse trabalho a sua experiência no Centro Comunitário de Djabula é uma importante mais-valia pelo exemplo de organização que esta Associação dispõe. A assembleia constituinte decorreu em Abril, prevendo-se a eleição da sua direcção ainda durante o corrente ano.⁹

A relevância do trabalho associativo permite verificar que, ao longo destes anos, os seus membros dominam os mecanismos da vida associativa, de organização de reuniões, de conceção de projetos. É muito interessante olhar para os seus membros e verificar que dispõem de capacidade de argumentação e reivindicação em situação de negociação social.

O PROJECTO ÁRVORE DAS MEMÓRIAS

A relevância do associativismo no desenvolvimento de atividades mutualistas advém da possibilidade de *dar e usar a palavra*. Estes pressupostos levaram-nos a propor desenvolver nesta comunidade um processo de investigação-ação com base no uso do discurso como instrumento de construção de narrativas com base na memória coletiva da comunidade (Rocoeur, 2006).

9 Já depois deste colóquio, em Agosto de 2014 for formalmente constituída esta União <http://www.instituto-camoes.pt/cooperacao/criada-uaamat>

Procurando tornar a comunidade agente ativo do seu desenvolvimento, o projeto “Árvore da Memória” parte da cartografia da memória da comunidade para ativar a sua inclusão no processo de construção do futuro.

A “Árvore das memórias” é um projecto que procura propor um processo de consciência dos problemas, da relevância das opções e modos de resolução. Propomos um processo de criação coletiva, que parte da identificação das memórias individuais para tomar consciência da memória coletiva. A consciência da memória coletiva constitui o ponto de partida da organização da vontade de agir. O centro comunitário de Djabula foi criado a partir da vontade da comunidade. Foi criado para dar novas oportunidades aos diferentes membros da colectividade, a partir do trabalho coletivo. Caracteriza-se pela procura dum caminho comum, trilhado por todos com a consciência do grupo acerca das suas necessidades e dos modos de resolução dos problemas.

O objectivo do projeto passa por facilitar as condições para os membros da comunidade terem consciência dos conhecimentos e das técnicas necessárias para se organizarem e atingirem os seus objectivos. Procura-se, através dos procedimentos de criação inclusiva, evitar a oferta de soluções exteriores, privilegiando o reconhecimento a partir de dentro dos elementos da comunidade.

Na construção da realidade africana a árvore representa, simbolicamente, a ligação entre os diferentes planos cosmológicos. O passado e o presente, os antepassados e os vivos. Á roda da árvore junta-se a comunidade para os diferentes momentos sociais. As decisões tomadas no círculo constituem-se, simbolicamente, como forças partilhadas por todos.

A metodologia proposta para a cartografia da memória do grupo, parte do individuo que se expressa no círculo, recebendo, como retorno, a voz dos outros sobre si. Esse eco, a ressonância de si construída a partir do outro, vai decantando a relevância que cada um atribui às suas memórias, permitindo fazer emergir o sentido comum das diferentes histórias.

A procura do sentido comum das histórias individuais, a reconstrução do sentido e das partilhas constituirá o segundo momento da metodologia, construindo uma proposta de ação. A construção da ação, efetuada em função dos problemas da comunidade, resulta das escolhas orientadas dos diferentes membros do grupo.

A construção da proposta de ação parte da procura de soluções para problemas comuns. Através da ação coletiva procura-se criar um compromisso na busca das soluções e a partilha dos seus resultados.

O programa de trabalhos articula-se em 4 tempos, os quais serão variáveis em função das dinâmicas de grupo, prevendo-se que o trabalho no terreno possa ter uma duração de 1 a 4 semanas. O programa deverá ser implementado criando um grupo de interessados: o *círculo das memórias* - a quem é explicado o que se pretende e proposta a sua participação. O convite aos membros individuais será efetuado em conjunto com as autoridades tradicionais.

O trabalho com os grupos será efetuado por dois facilitadores.

O primeiro tempo é dedicado ao trabalho de reconhecimento mútuo. Serão efetuadas as apresentações. Serão escolhidos os locais e os temas de trabalho. A narrativa da história de vida será o ponto de partida. Cada história individual é apresentada e discutida em grupo, recorrendo-se a diferentes técnicas de animação, envolvendo a narração e a evocação.

O segundo tempo partirá das cartografias dos diferentes membros. Cada um será convidado a criar e a apresentar uma história significativa. A representação poderá ser orientada para a produção de artefactos ou para a performatividade. O objetivo desse tempo é aprofundar o conhecimento mútuo de forma a partilhar os valores reconhecidos.

No terceiro tempo, é iniciada a formação dos diferentes grupos, orientadas por problemas a resolver. O objetivo é identificar de forma clara o problema e as suas soluções. Na formação dos grupos são negociadas as regras e os tempos. Cada um dos grupos deverá trabalhar de modo organizado, de forma a canalizar o esforço coletivo para um objetivo comum.

O quarto e derradeiro tempo é dedicado à externalização da solução. Ele poderá ter uma forma variada, de acordo com a tipologia dos problemas. Procurar-se-á testar as soluções encontradas e implementar soluções inovadoras.

O objectivo geral da investigação é criar condições para aplicar uma metodologia de trabalho na comunidade que permita facilitar o desenvolvimento de processos de criação de renda mobilizando o uso dos recursos locais disponíveis no território através da ativação da memória da comunidade em processo de economia solidária.

É um trabalho que é dirigido sobretudo aos grupos dos mais velhos, aqueles que detêm a memória do grupo. A partir da memória da comunidade deverão ser produzidos objetos com história. A criação destes objetos com história constituirão os elementos diferenciadores da marca Djabula e permitirão acrescentar valor ao produto.

OS RESULTADOS DA VIAGEM¹⁰

Os resultados que apresentamos resultam de dois momentos de trabalho, um exploratório do espaço em 2012, e outro de selecção de parceiros em maio de 2014. A tomada de consciência do espaço e da comunidade, e as conversas mantidas com várias atores locais levantaram várias interrogações, levando-nos à procura de outros casos e experiências que pudessem ser referenciados. Alguma dessas possibilidades foram objeto de experimentação na segunda viagem, ao mesmo tempo que se procuraram identificar os agentes sociais na comunidade. O encontro com as dinâmicas da comunidade e o contato com o espaço permitem o desenvolvimento deste trabalho. Para a escolha do espaço contribuíram o trabalho

¹⁰ Dadas as limitações de espaço neste texto, o relato desta viagem é apresentado em Diário de Viagem “Moçambique II” a publicar na Revista Heranças Globais – Memórias Locais” nº 5 Inverno 2014 (no prelo)

desenvolvido pela ONGD VIDA, a qual procuramos dotar de instrumentos complementares para produção de valor acrescentado a partir da comunidade.

Nesta última fase do trabalho procurávamos especificamente desenvolver algumas actividades a partir da escuta das palavras dos mais velhos, das suas histórias sobre a comunidade. Tínhamos como hipótese a possibilidade de dar histórias às bonecas que eram produzidas no artesanato local. Pretendíamos que essas bonecas passassem a ser personagens da comunidade. Histórias de vida. Essa história de vida seria o início da constituição do círculo de memórias. Para isso tivemos que mergulhar nas palavras dos mais velhos sobre as suas memórias. Memórias que são feitas na oralidade.

A memória oral regista a chegada de Maputsu, filho de Hossi Nwangove Tembe às terras dos Machavane que conquista, formando um reino que ocupa toda a região. Quando o rei faleceu, o território é dividido pelos seus três filhos: Nkupo Tembe que fica com o território de Missavene, Maputso, que fica com a faixa costeira entre Machavane e Zitundo, e Mpanueia, que acaba por perder as suas terras para o seu irmão Maputso. Estas figuras ancestrais serão importantes para marcar a delimitação dos territórios no espaço. Com o movimento dos Nguni para norte, estes territórios integram-se nas dinâmicas sociais destes. No final do século XIX, com a colonização europeia inicia-se a política de atribuição de reservas aos indígenas, reservando-se as áreas de melhor aptidão agrícola e pecuária para a colonização europeia: As margens dos rios Maputo e Tembe para as terras altas junto à fronteira com a Suazilândia são os lugares deste território.

A política colonial portuguesa, de atribuição de reservas às famílias indígenas, teve por base uma relação com as chefaturas e linhagens locais. Os clãs Tembe como detentores dos direitos consuetudinários dos territórios eram os interlocutores destas relações. Relações tensas e complexas que não cabe aqui desenvolver, mas que marcaram a questão territorial.

Com o processo de independência a organização nacional apoia-se na estrutura tradicional e na organização administrativa existente, conferindo uma dupla legitimidade, por um lado às chefaturas tradicionais e aos “comissários” políticos da Frelimo, que articulam e compatibilizam na maioria dos casos as aspirações locais com as questões do Estado, de natureza mais geral.

O crescimento urbano da região metropolitana de Maputo vai atrair populações de várias áreas do país, um fenómeno que é mais acentuado no Catembe, no norte do território. Esta área está neste momento sujeita a uma forte dinâmica de transformação, projectando-se a construção duma ponte sobre o rio Maputo e uma estrada até à região turística da Ponta do Ouro¹¹.

As populações Tsonga desta região estabelecem várias ligações com os vários grupos zulus da África do Sul e Suazi na Suazilândia. São ligações que são estabelecidas por via de alianças

11 Esta questão será tema de comunicação no ECAS 2015 que se realiza em Paris.

familiares e que dão origem a intensos movimentos em função das diferentes oportunidades que vão emergindo nos diferentes locais. Consideram-se lugares sagrados os cemitérios onde repousam os restos dos antepassados, sendo o espaço da mata do Capezulo o espaço mais referenciado como cemitério de Ngwandove e Maputso.

A palavra aos mais velhos é uma questão interessante nos problemas do desenvolvimento, pois de uma forma geral não constituem um grupo alvo. Não cabe no âmbito deste artigo desenvolver esta questão, mas é relevante salientar que entre as comunidades africanas os mais velhos desempenham um papel social de relevância. São os mais velhos que detêm a memória social. Como guardiões da memória coletiva, são eles que se encarregam de passar essa memória para os mais novos. Também, pela sua idade, estão mais próximos dos antepassados, aptos a criar ligações. A religiosidade banta assume a vida como um ciclo que se renova. Entre os vivos e os antepassados existe um diálogo que flui através da natureza. Os lugares sagrados são os lugares habitados pelos antepassados. Constituem as “matas sagradas”.

Na região de Djabula a mata de Likwati constitui esse espaço ao qual, nesta fase do trabalho, ainda não tivemos acesso. Trata-se de uma área de biodiversidade natural, tornada reserva durante o processo colonial¹². No distrito a mata de Capezulo é a principal zona sagrada, onde segundo a tradição oral jazem os restos mortais do Nwangove e outros como Maputso o seu filho guerreiro.

O nosso objetivo nesta viagem exploratória era entender a possibilidade de desenvolver o trabalho “arvore das memórias” através da criação do círculo de memória na comunidade. Procurávamos sobretudo testar a metodologia e procurar as ferramentas mais adequadas para o desenvolvimento do trabalho. O círculo de memórias, como acima já detalhamos procura criar um encontro facilitador da expressão da oralidade.

Como investigador em acção, a viagem foi um encontro. Um encontro com o espaço e com aqueles que nele habitam. Criar laços de comunicação e de confiança são os primeiros passos de qualquer investigação. Nesta primeira fase, ficamos mais ricos e olhamos para este espaço com um olhar mais profundo. Documentar essa experiência é um processo de consciência das relevâncias que nos ajudam a preparar a fase seguinte.

Partimos de Salamanga com direcção ao rio Futi. Viajávamos, (Pedro Pereira Leite e Filipa Zacarias) com o Sr. Silas, residente no Catembe, com responsabilidade na área, acompanhado dos técnicos do “Parque Natural da Reserva dos Elefantes de Maputo”. Aproveitamos uma viagem programada pelo rio Futi, ao longo do qual as manadas de elefantes se estão a disseminar, afetando as culturas dos agricultores locais. A viagem decorreu em picada, em direcção a aldeias, fazendo um circuito por todo o território. Na aldeia parava-se na casa do chefe da aldeia, fazia-se um círculo, e conversava-se, sobre o “problema dos bichos”, o

12 Diniz, M. A. Bandeira, Salomão e Martins. E. (2012), Flora e Vegetação da Província de Maputo: Sua Apropriação pelas Populações, in Atas do Congresso Internacional “Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência”, 12.

modo como localmente se referem ao processo de reocupação das terras ancestrais, pelas manadas em recuperação de efectivos. A ideia dos homens das reservas era criar zonas tampão que evitassem que as manadas afetassem os terrenos agrícolas. Procurar proteger as bolsas agrícolas. Enquanto não é possível fazer vedações dos territórios é necessário gerir as manadas. As reuniões anunciam que os membros da reserva passarão a acampar nas margens do rio durante alguns dias para vigiar os movimentos das manadas. Através da vigilância vão procurar minorar os problemas, ao mesmo tempo que recolhem dados sobre os trilhos de migração dos “bichos”.

Uma boa parte do dia passa-se nestes trilhos, chega-se mesmo a entrar na Suazilândia, atravessando a vau o rio, para regressar pela margem direita. Nos momentos entre as paragens, o Sr. Silas revela-se um informador preciso sobre a história dos Tembe. Fala da grande migração dos grandes lagos, conta histórias tradicionais e fala dos provérbios. Informa o modo como os mais velhos transmitem a experiência de vida aos mais novos. Por exemplo, a fábula do Coelho e do macaco, ilustra, segundo o Sr. Silas a importância do Trabalho. Contamos a história com entusiasmo.

“Estavam os animais da floresta cheios de sede, numa altura de grande seca. O rei resolve mandar cavar um poço para que todos os animais possam beber. Cada animal devia trabalhar um bocado na manutenção do poço para poder beber água. Para que tudo ficasse em ordem, o Rei mandou que o macaco guardasse o poço e tomasse nota dos animais que trabalhavam para poderem beber água. Cada animal tinha o seu tempo de trabalho, para que não fosse comido pelos outros. O Coelho, que não gostava de trabalhar, foi ter com o macaco e disse-lhe que ele não se importava de ficava a guardar o poço enquanto o macaco ia dormir. Pensava que assim podia beber água e não trabalhar. Logo na primeira noite, quando o Leão vai beber água encontra o coelho que tinha adormecido. Come então o coelho.” Segundo o Sr. Silas a história ilustra a necessidade de trabalhar. Um conhecimento que os mais velhos passam aos mais novos através da oratura.

A função da oratura é transmitir uma visão do mundo. Transmitir e desenvolver as capacidades de cada um de resolver problemas da sua vida. De saber ler os sinais que estão inscritos na natureza e entender o tempo que se vive. Segundo o Sr. Silas em todas as aldeias há um poço, um poço sagrado onde se bebe a água. Essa água alimenta o modo como se observa o mundo.

Já a noite se adensa quando chegamos à aldeia de Djabula. O crepúsculo anuncia a noite e as gentes recolhem-se às suas casas. Falamos com o chefe da aldeia sobre o que procuramos resolver. Remete-nos para o homem mais velho da aldeia. O guardião da memória.

O dia não é bom na casa do mais velho. A mulher está doente, e enquanto a lua se anuncia, cheia, o ancião anui a falar algumas coisas. O trabalho da ONG VIDA é reconhecido como muito valioso, as dádivas generosas que tem possibilitado à comunidade, são reconhecidas e tem como resposta um esforço para corresponder à situação: “-Djabula quer dizer terra da

felicidade!” Começa por nos responder. Explicar o que querem dizer os nomes, pedíramos. Fica estabelecido o ritmo da conversa. “Foi feita por gente que chega de Matutuíne para trabalhar na floresta”, responde ao de onde vieram. O ancião tem noventa anos e toda a vida viveu ali em Djabula.

Reunimo-nos à volta duma árvore. Temos a lua por testemunha. Já não há condições para escrever, e a pilha do gravador já se gastou durante o dia. Já não temos forma de registar a conversa, mas sentimos o memento. Encontramo-nos com o ritmo da aldeia. Ao longe escutam-se tambores que rezam à mulher doente. Há volta da árvore juntam-se vários familiares. Contam-se história do passado. A cestaria que servia para transportar água. As melhores da região, pela técnica apurada para manter as fibras juntas. Cada objeto da comunidade tem uma história. Lentamente vamos tendo acesso ao seu mundo.

Sáimos de regresso a Maputo já com noite bem entrada. A conversa foi muito boa e ecoa na memória. O encontro, ainda que breve aconteceu. Foi necessário ter passado um dia em picada para entender como se vive e como se faz em Djabula. A língua foi um obstáculo à comunicação. No mato fala-se na língua tradicional de Matutuíne Xiputso. Mas mesmo na noite aluada, por entre os sons dessa linguagem desconhecida escutavam-se os sons dessa ligação entre os homens do presente que buscam no passado as suas memória. As suas memórias que são uma ferramenta para viverem e construírem o seu presente. O conselho dos anciãos validou o círculo da memória. Há que procurar agora trabalhar melhor o tempo dessa memória para ampliar a emancipação da comunidade.

BIBLIOGRAFIA

Amaro, Rogério Roque (2003), “Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em prática de renovação”, *Cadernos de Estudos Africanos*, Lisboa, CEA /ISCTE, 35-70.

Diniz, M. A. Bandeira, Salomão e Martins. E. (2012), “Flora e Vegetação da Província de Maputo: Sua Apropriação pelas Populações,” in *Atas do Congresso Internacional “Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência”*, 12

Hespanha, P. & Santos, A., (2011), *Economia Solidária: questões Teóricas e Epistemológicas*. Porto: Afrontamento.

Rist, G., (2002), *El Desarrollo: historia de una creencia occidental*. Madrid: Los Libros de Catarata.

Santos, Boaventura de Sousa (2000), *A crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiencia*, Porto, Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política* Porto, Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa e Meneses, Maria Paula, (org.) (2009), *Epistemologias do Sul*, Coimbra: Almedina.

Rufino, Santos (1929), *Álbuns Fotográficos da Colónia de Moçambique*.

Ziai, A., (s.d.) "Development discourse and critics: an introduction to post-development.", in A. Ziai, *Exploring Post-development - Theory and practice, problems and perspectives*. s.l.:s.n., 3-17.